



PARA NÃO TER NOS LÁBIOS O GOSTO AMARGO DA OMISSÃO: Anotações sobre a desigualdade social e a vocação cristã

Paulo Roberto Pedrozo Rocha*



Pra começo de conversa

A fim de caracterizar o que chamou de aversão sistemática aos pobres, a filósofa espanhola Adela Cortina criou a palavra *aporofobia*. Esta nova palavra surgiu da junção de dois vocábulos gregos, a saber, *áporos*, que pode ser traduzido por *pobres*, e *fobia*, palavra esta que temos em nosso português brasileiro com o sentido de medo, aversão, rejeição.

Possivelmente já tenhamos ouvido falar nestes termos. No caso do Brasil, o trabalho do padre Júlio Lancellotti de assistência aos moradores de rua e populações em situação de vulnerabilidade fez com que a expressão *aporofobia* ficasse conhecida. Nem mesmo a igreja pôde ficar isenta desta acusação. Um caso curioso, registrado pela imprensa paulista em 2023, dava conta de uma cruz cheia de espetos contra moradores de rua que causou polêmica na cidade de Santos, no litoral paulista.



Figura 1 - Fonte: jornal "A Tribuna", de Santos/SP – 21 de agosto de 2023

Mas de onde vem esta 'naturalização' das desigualdades? A partir de quando passamos a considerar natural que haja entre nós pessoas detentoras de recursos que são impossíveis de serem consumidos no intervalo de uma vida, ao passo que centenas de mi-

lhares morrem de fome, sem ter acesso ao mínimo para sua subsistência? Vamos aos textos.

**“Eis que o salário dos trabalhadores que ceifaram os vossos campos, e que por vós foi retido com fraude, está clamando...”
(Tiago 5: 4)**

O texto acima é uma citação da carta de Tiago. Há um grande debate em torno desta carta. Na disposição dos livros do Novo Testamento é a primeira epístola católica, logo após as cartas paulinas e a carta aos Hebreus. Vale notar que o nome *Tiago* tem um correspondente nas línguas semitas (o hebraico entre elas) que é *Jacó* e eram nomes comuns entre os judeus dos primeiros anos do Cristianismo. Dentre os discípulos de Jesus há dois ‘*Tiagos*’ que foram apontados como possíveis autores da carta, hipótese hoje dispensada pela exegese contemporânea, dados os aspectos linguísticos em que foi escrita e, principalmente, pela total ausência de uma referência direta a Jesus, algo difícil de imaginar em um texto escrito por um de seus discípulos.

O que se tem em consenso é que a carta de Tiago foi escrita por um judeu helenista (de cultura e hábitos gregos) que pode ou não ter se chamado Tiago ou usado o termo como um pseudônimo eficiente para a circulação de seus escritos. O fato é, que à parte as questões de composição e autoria, o texto é bombástico em suas pretensões de mensagem.

Nos capítulos iniciais da carta seu autor destrói a possibilidade de uma religião meramente subjetiva, sem atos concretos. “*A fé, se não tiver obras, por si só está morta. (Tiago 2: 17)*”. O texto foi rejeitado por muitos, incluindo Lutero, e questionado em sua canonicidade (deveria ou não estar entre os livros do Novo Testamento?). Os argumentos eram de duas ordens: a ênfase nas obras poderia colocar em questão a teologia paulina de centralidade na Graça como ação salvadora e a ausência de referência explícita a Jesus. Polêmica que sem dúvida vale bons estudos, mas que aqui servirá apenas para chamar nossa atenção para o imperativo da igualdade entre todos.

O filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) declarou em um de seus escritos, *Discurso sobre a origem e os fundamentos da*

desigualdade entre os homens (1755), que “o verdadeiro fundador da sociedade civil foi aquele que primeiro cercou um pedaço de terra, disse que ela lhe pertencia e encontrou pessoas tão simples que acreditaram”¹. Desta forma o filósofo lembra que a propriedade privada está na origem dos males sociais, chamados por ele de desigualdades.

E a tradição cristã, o que tem a dizer a respeito?

“Sempre que o fizeste a um destes meus pequeninos irmãos, a mim o fizestes.” (Mateus 25: 40)

São inúmeros os exemplos bíblicos que apelam para a justiça social. Poderíamos partir dos profetas (Oseias 6: 6 – misericórdia quero e não sacrifícios! – para ficar em um exemplo citado pelo próprio Jesus na querela sobre o sábado) ou até mesmo do exemplo dos primeiros cristãos que, segundo o livro de Atos dos Apóstolos, tinham tudo em comum. A Bíblia é contundente em condenar todas as estruturas políticas que promovem a desigualdade social e a exploração do homem pelo homem.

Como herdeiros da Reforma Protestante do século XVI nos encontramos na mesma militância. O reformador João Calvino, de quem pretensamente somos herdeiros das coisas boas e também daquelas que não são tão admiráveis, declara na abertura do Livro IV da *Instituição da Religião Cristã* que, sendo desejo de Deus que permaneçamos na terra por um período por ele determinado, deveremos nos esforçar para que neste período nossa vida aqui em tudo imite a vida no Paraíso (CALVINO, *A Instituição da Religião Cristã* – Livro IV). E isto inclui, sem dúvidas, a luta pela igualdade social.

O testemunho cristão não pode ser apenas de ordem espiritual. É imperioso que a ação cristã seja visível na prática, recuperando uma tríade muito importante à época de instauração da Teologia da Libertação e que agora se mostra mais do que necessária: ver, julgar e agir.

A Igreja de Jesus Cristo é aquela que age na sociedade e não aquela que se fecha no conforto de seus templos e em suas sessões de louvores

¹ ROUSSEAU, Jean-Jacques. Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999, p. 166.

alienados do mundo. Nossas mensagens, nossos cantos e nossas preces devem estar em conexão com as demandas do tempo presente, sob pena de perder a relevância profética, o que seria desastroso para a igreja de um modo geral.

Neste sentido, nós presbiterianos unidos somos movidos pela nossa própria história. Nascemos como uma igreja formada por rejeitados do protestantismo tradicional e, em especial, por parte dos presbiterianos brasileiros. Somos ecumênicos e inclusivos. Não adotamos práticas heteronormativas. No Reino de Deus que pregamos há lugar para todos, em condição de igualdade. Caso contrário não há Reino e as Boas Novas não passariam de uma versão religiosa das famosas *fake news*.

Nossas comunidades devem anunciar o Evangelho libertador de Jesus Cristo através de seu testemunho cristão que implica participação na sociedade, nos partidos políticos, nos sindicatos, nas associações de bairro e demais organismos sociais de luta e presença. Mas até aqui não estou dizendo nenhuma novidade. Está tudo lá, em um documento fundante de nossa denominação: o *Pronunciamento Social da IPU*. Devemos consultar este texto, estudá-lo em nossas comunidades e trazê-lo de volta à vida, pois nunca foi tão atual, apesar de redigido há mais de 45 anos. (<https://ipu.org.br/documentos/pronunciamento-social/>)

À guisa de provocação...

O propósito desta breve reflexão, que se junta a outras tantas colaborações de parceiros e parceiras da IPU, é provocar. Trata-se de uma palavra com origem latina, *provocare*, que significa desafiar, chamar a si. É isto mesmo, o propósito deste texto, ainda que de forma muito superficial, é chamar para o debate, desafiar as vozes que não podem continuar contidas, caladas.

Se os leitores me permitirem uma referência pessoal, o exemplo dos profetas do Antigo Testamento sempre serviu como modelo para minha atuação pastoral e militância social. Sempre que ficava em dúvidas sobre o que fazer, tentava buscar uma situação correlata no testemunho profético. É verdade que me arrependi muitas vezes de ações pretéritas, reconheço muitos erros, ainda que na tentativa de acertar.

Mas há um conforto que gostaria de compartilhar com todos, para que pudessem experimentar esta alegria: não conheço o remorso causado pela omissão.

Assim, meus irmãos e irmãs da IPU, vamos nos unir na missão profética de denunciar as injustiças, participar de projetos de construção de um mundo melhor, vamos acertar muitas vezes, quem sabe errar outras, mas nunca, nunca ter nos lábios o gosto amargo da omissão. Que assim Deus nos ajude!

Bibliografia

BIBLIA SAGRADA. Edição Revista e Atualizada no Brasil. Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

LUTERO & CALVINO. **Sobre a Autoridade Secular**. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos e Hélio de Marco Leite de Barros. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1995.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens**. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1999.

* Pastor da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil (IPU), ordenado em 25/03/1990, desde então membro do Presbitério de Jundiaí (PJDI). Atualmente é pastor auxiliar na IPU de Jundiaí.